

Estas Armadilhas da Memória¹

Boris Schnaiderman



Estas *Armadilhas da Memória* têm origem claramente definida: a paixão pelos temas tratados. Pois uma característica essencial do trabalho de Jerusa é, justamente, essa paixão com que se lança ao trabalho e sua labuta

¹ Texto originalmente publicado na orelha do livro *Armadilhas da Memória* (Ateliê Editorial, 2a ed., 2004)

persistente e erudita traz sempre um envolvimento com antigos e novos temas.

Os estudos da segunda parte [de *Armadilhas da Memória*] originam-se de um pequeno livro de 1991, mas ela vinha lidando com estes tópicos medievais e sertanejos desde muito antes. Sem uma ligação com “o sertão e o mundo”, parece impossível compreender estes seus trabalhos. Difícil também é pensá-los, fora daquele lastro de vivências, sem a ligação com a terra e a gente do sertão. Mas, ao mesmo tempo, este é o fundamento para a sua imersão no universo da Cultura.

Não é, portanto, por acaso que um dos ensaios da primeira parte retoma a bela frase de Iúri Lotman, o grande pensador e semioticista russo: “Cultura é Memória”.

A captação deste e de outros domínios está muito visível, por exemplo, no seu interesse pela temática russa, que vem de muito tempo, intensificada pela frequência aos Seminários de Urbino – Itália, na década de setenta, e que prossegue em nosso diálogo.

Algumas destas “Armadilhas da Memória” me são particularmente gratas, como é o caso de seu trabalho sobre Óssip Mandelstam. Aliás, não foi por acaso que ela se ligou àquele mergulho na memória, nos livros de Mandelstam, o *Rumor do Tempo* e *Viagem à Armênia*, vivido com encantamento peculiar mas justamente como “armadilha”, como algo que nos fascina, em suas descobertas, que nos arrasta e, ao mesmo tempo, nos oferece um mundo de caos e ruína.

Seu contato com a prosa envolvente desse grande poeta russo é posterior à primeira edição das *Armadilhas* mas como o mundo de Jerusa se identifica com o de Mandelstam!

E assim como há uma ligação de base, um vínculo profundo da autora com os textos estudados, verbais ou visuais, textos da memória, estes se afirmam soberanos em todas as páginas do livro.

Boris Schnaiderman é escritor, ensaísta, tradutor e professor emérito de russo e teoria literária do departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo. Nasceu em Úman, na Ucrânia, em 1917, e aos oito anos veio com os pais para o Brasil. Começa a traduzir autores russos em 1944 e a colaborar na imprensa brasileira a partir de 1957. Apesar de não ter estudado Letras, é escolhido para iniciar o curso de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo, em 1960. Em 1978 conhece Jerusa Pires Ferreira com quem divide uma grande admiração pelo trabalho do semioticista russo Yuri Lotman. Oito anos mais tarde, se casam.

Grande intérprete da literatura russa no Brasil, traduziu os grandes mestres Dostoiévski, Maiakóvski e Tchekhov, entre outros, além de diversos poetas russos. Entre suas principais obras estão *Escombros do Mito* (Cia da Letras), *Dostoiévski – prosa e poesia* (Perspectiva), *Guerra em Surdina* (Cosac e Naify), *Semiótica Russa* (Perspectiva), *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin* (Livraria Duas Cidades). Traduziu poemas russos com Augusto e Haroldo de Campos. Recebeu o prêmio Jabuti pela tradução da obra de Púchkin *A dama de espadas* (Ed. 34) em 1999, juntamente com Nelson Ascher. Em 2003, recebeu da Academia Brasileira de Letras o recém-criado Prêmio de Tradução.